

O TESTEMUNHO E O LEGADO DE
PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA

Copyright © Francilaide de Queiroz Ronsi e José Carlos dos Santos (Orgs.), 2024

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida,
sejam quais forem os meios empregados, sem a autorização
prévia e expressa do autor.

EDITOR

João Baptista Pinto

CAPA

Escultura: Mestre Everaldo Silva

Foto: Marcelo Fraga

Diagramação: Luiz Guimarães

PROJETO GRÁFICO/EDITORAÇÃO

Luiz Guimarães

REVISÃO

Dos Autores

Esta obra foi publicada com o Apoio da CAPES/PROAP -

Programa Apoio à Pós-Graduação

Auxílio nº 1445/2023 – Processo nº 88881.846941/2023-01



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

T326

O testemunho e o legado de padre Cícero Romão Batista / organização Francilaide de Queiroz Ronsi, José Carlos dos Santos, sob coordenação de Waldecir Gonzaga. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2024.

212 p. ; 15,5x23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5252-042-5

1. Cícero, Padre, 1844-1934. 2. Juazeiro do Norte (CE) - Usos e costumes religiosos. I. Ronsi, Francilaide de Queiroz. II. Santos, José Carlos dos.

24-94264

CDD: 922.21

CDU: 929:2-725 (813.1)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

LETRA CAPITAL EDITORA

Tels. (21) 3553-2236 / 2215-3781

www.letracapital.com.br

Francilaide de Queiroz Ronsi

José Carlos dos Santos

ORGANIZADORES

O TESTEMUNHO E O LEGADO DE
PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA

LETRACAPITAL

Conselho Editorial

Série Letra Capital Acadêmica

Ana Elizabeth Lole dos Santos (PUC-Rio)
Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)
Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)
Claudio Cezar Henriques (UERJ)
Ezilda Maciel da Silva (UNIFESSPA)
João Luiz Pereira Domingues (UFF)
João Medeiros Filho (UCL)
Leonardo Agostini Fernandes (PUC-Rio)
Leonardo Santana da Silva (UFRJ)
Lina Boff (PUC-Rio)
Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)
Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)
Michela Rosa di Candia (UFRJ)
Olavo Luppi Silva (UFABC)
Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)
Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)
Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)
Robert Segal (UFRJ)
Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)
Sandro Ornellas (UFBA)
Sergio Azevedo (UENF)
Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)
Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)

Sumário

Prefácio	7
<i>Maria do Carmo Pagan Forti</i>	
Apresentação	13
<i>Francilaide de Queiroz Ronsi</i>	
<i>José Carlos dos Santos</i>	
Por ocasião dos 180 anos do nascimento do Padre Cícero: sua vida e seu legado.....	21
<i>Paulo Fernando Carneiro de Andrade</i>	
Padre Cícero: mestre da compaixão e conselheiro do sertão	40
<i>José Carlos dos Santos</i>	
Padre Cícero: a figura do Conselheiro no Catolicismo Popular Sertanejo do Nordeste brasileiro - final do século XIX e início do século XX	58
<i>João Everton da Cruz Santos</i>	
Padre Cícero e o desafio da tríplice missão: sacerdócio, profecia e poder.....	82
<i>Josineide Silveira de Oliveira</i>	
Padre Cícero Romão Batista: uma pessoa para além de seu tempo. Será mesmo?	99
<i>Francilaide de Queiroz Ronsi</i>	
Romarias e Padre Cícero: configurações do catolicismo.....	123
<i>Carlos Alberto Steil</i>	
O Padre Cícero entre a religião e a política: estilo de liderança e pacto sociorreligioso do Juazeiro	138
<i>Marcelo Ayres Camurça</i>	
Padre Cícero e a ecologia integral	156
<i>Cieusa Maria Calou e Pereira</i>	

Padre Cícero e a Teologia da Enxada: afirmação do Cristianismo Místico Beato.....	175
<i>Artur Peregrino</i>	
Maria de Araújo: A Santa preta violentada	189
<i>Carlos Alberto Tolovi</i>	
90 anos da morte do Padre Cícero Romão Batista “Deus nunca deixou trabalho sem recompensa, nem lágrimas sem consolação”	
<i>Dom Magnus Henrique Lopes, OFMCap</i>	205
Posfácio.....	209
<i>Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros</i>	
Nominata.....	211

Prefácio

Maria do Carmo Pagan Forti¹

Ainda impactada pela leitura deste livro, para cumprir a tarefa que me foi confiada de escrever um prefácio, quero pedir licença para fazer uma digressão, pois só assim, poderei (espero que consiga) demonstrar a importância do que acabo de ler.

Quero rememorar os Simpósios Internacionais patrocinados pela Universidade Regional do Cariri – URCA, através do IPESC – Instituto de Pesquisa José Marrocos, ligado à Reitoria, algumas vezes com o concurso da Diocese de Crato, outras sem ela, mas sempre com o olhar atento, crítico e solidário do Mons. Murilo de Sá Barreto, pároco da Paróquia Nossa Senhora das Dores de Juazeiro do Norte, enquanto estava vivo.

São já 6 Simpósios. A cada Simpósio elegemos um tema! Um objeto de estudo! Um espaço da realidade a ser iluminado e – esta é a grande riqueza – de diversos pontos de vista.

- I Simpósio Internacional “Padre Cícero e os romeiros de Juazeiro do Norte”. De 17 a 20 de abril de 1988.
- II Simpósio Internacional “Juazeiro do Padre Cícero e a Beata Maria de Araújo: um contexto de milagre”. De 15 a 19 de setembro de 1989.
- III Simpósio Internacional “Padre Cícero do Juazeiro: E... quem é ele?”. De 18 a 22 de julho de 2004.
- IV Simpósio Internacional “Padre Cícero: e... onde está ele?”. De 16 a 20 de setembro de 2014.
- V Simpósio. “Padre Cícero. Reconciliação... e agora?” De 21 a 24 de maio de 2015.
- VI Simpósio Internacional Padre Cícero e I Simpósio Internacional Religiões e Espiritualidades: Pluralismo Religioso e Cosmovisões no Nordeste. De 16 a 20 de março de 2023.

¹ Doutora em Filosofia da Religião pela Faculdade de Filosofia de Braga, da Universidade Católica Portuguesa.

Algumas vezes o Simpósio enfatizava a realidade dos romeiros, outras da Beata Maria de Araújo, mas sempre o Padre Cícero era o mote principal. Esses Simpósios cumpriram uma tarefa importantíssima no âmbito dos estudos da rica realidade de Juazeiro e da questão religiosa: fizeram com que mais e mais pesquisadores estudassem esse fenômeno e aos poucos a história real dos diversos personagens foram sendo desveladas. História real? Sim, porque se hoje reclamamos e nos indignamos com as *fake news*, elas eram terríveis durante a existência do Padre Cícero e ainda muito depois dele. A deturpação da história de Juazeiro começou especialmente a partir do fenômeno do sangramento da hóstia na boca da Beata Maria de Araújo e atingiam de forma dolorosa a vida do Padre Cícero, de Mons. Monteiro, reitor do Seminário de Crato, de José Marrocos, de quantos se posicionavam a favor do milagre – padres e leigos – e, claro, também da Beata.

Portanto, a primeira tarefa dos pesquisadores era “limpar o terreno”. Até certo ponto, não era uma tarefa tão difícil porque as posições estavam claras. Identificámos os que eram a favor e os que eram contra. E aos poucos conseguimos (sim, me incluo nisso) esclarecer muitos pontos. Não, o Padre Cícero não foi um heresiarca sinistro. Não era teimoso. Não era aliciador de fanáticos. Não era embusteiro. Não era coronel que submetia as pessoas ao seu mando. Maria de Araújo não cometeu delitos contra a sagrada eucaristia, não mentiu, não fraudou... Nem José Marrocos, nem Mons. Monteiro. Não foram enganados pelas “horrríveis beatas daquele lugar”.

Hoje é fácil dizer tudo isso, mas naquela época demonstrar, comprovar e asseverar tudo isso eram “outros quinhentos”. Durante os 36 anos que nos separam do primeiro Simpósio, muito trabalho foi feito. Muito foi estudado e muito foi publicado. As vozes contrárias ainda queriam se fazer ouvir, mas especialmente com a consulta aos documentos originais a argumentação dos “a favor” tornou-se inquestionável. E começamos a ouvir do lado de lá um silêncio ensurdecedor.

A história dessa documentação também é interessante. Desde que chegaram a Juazeiro as Irmãs Ana Teresa e Annette se empenharam em conseguir cópias de documentos que estavam em poder dos Salesianos, e também os que estavam no célebre baú na Diocese de Crato. Neste baú estava a cópia dos inquéritos (o primeiro conduzido pelos

padres Costa Lobo e Antero e o segundo por Padre Alexandrino) encomendados pelo Bispo Dom Joaquim para avaliar a veracidade do sangramento da hóstia, além de mais cartas. Tudo o que elas conseguiam, inclusive livros sobre o assunto, conservavam no Centro de Psicologia da Religião (hoje Centro de Pesquisa em Religião Irmã Annette Dumoulin – Irmã Ana Teresa) e facilitavam o acesso a todas e todos que queriam pesquisar sobre o assunto.

Também Renato Dantas, Daniel Walker e Renato Casimiro possuíam documentos importantes e também permitiam o acesso a eles a quem quisesse pesquisar.

Desnecessário dizer que essas consultas aos arquivos eram precedidas ou permeadas de muita conversa sobre o assunto. Uma riqueza imensa!

Até que em 2000, o Cardeal Ratzinger, então Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, pediu a Dom Newton Gurgel, Bispo do Crato, que abrisse o acervo da Diocese para pesquisas. O Padre Roserlândio, encarregado, viu-se com uma tarefa hercúlea. Desfazer centenas de rolos de documentos que desde 1915 estavam no Departamento Histórico Diocesano Padre Gomes, intocados. Eram as cartas e documentos que Dom Joaquim tinha em seu poder, referentes aos fatos de Juazeiro e quando da criação da Diocese de Crato foram a ela encaminhados. Permaneceram por quase 100 anos da forma como chegaram. Por estarem intocados, estavam preservados.

Quando da vinda de Dom Fernando Panico à Diocese, em 2001, substituindo Dom Newton, o trabalho com os arquivos se intensificou dado seu interesse em “fazer justiça com os romeiros e romeiras” estudando tudo que dissesse respeito aos fatos de Juazeiro e adjacências e para isso criou a Comissão de Estudos para a reabilitação histórico-ecclesial do Padre Cícero. Cientistas e pesquisadores de todo Brasil (eram 17 pessoas) foram convidados a fazer parte dessa comissão e os que moravam na Diocese de Crato encarregavam-se, junto com Padre Roserlândio, de “desenrolar” os documentos do arquivo. Ir. Annette separava os documentos que diziam respeito diretamente aos fatos de Juazeiro, digitalizava-os para depois transcrevê-los, digitando. A digitalização era importante para se conseguir decifrar algumas letras quase ilegíveis. Ela e Ir. Ana Teresa, transcreveram 745 documentos

que hoje estão acessíveis a quem quiser e foram publicadas nos volumes CASIMIRO, Antônio R. S. (Org.). *Padre Cícero e os fatos do Juazeiro: a questão religiosa*. Fortaleza: Editora SENAC Ceará, 2012.

Alguns anais desses Simpósios foram publicados e há um projeto de colocar todas as conferências de todos eles em um site na internet, o que facilitará ainda mais a consulta.

Em resumo, o trabalho dos primeiros pesquisadores foi devolver a verdadeira história das gentes de Juazeiro, dos romeiros e das romeiras e do Padre Cícero, também da Beata Maria de Araújo, ao povo.

Renato Dantas me dizia: “Hoje eu me sinto aliviado por ter certeza de que eu não nasci numa cidade que, diziam, era fruto de um embuste”.

Mas, o que tudo isto tem a ver com o impacto que este livro me causou?

Na abertura do III Simpósio Internacional sobre Padre Cícero do Juazeiro. E... quem é ele?, Dom Fernando Panico dizia, citando Merleau-Ponty:

verdade é aquilo que se desoculta da opacidade do mundo vivido, que se mostra, se evidencia. É certo que algumas vezes esse ver da evidência surge apenas depois de um suposto ver. Quantas teorias já se superaram por terem sido ainda um suposto ver. Mas sempre é tempo.... ‘Pode-se então corrigir o erro e isto em nome da verdade’. Não se trata, porém, de uma verdade única, desenraizada da existência, tal como aquela das ideias claras e distintas, ‘mas da verdade como desocultação jamais acabada, pois o desoculto vive do que está oculto, como a visibilidade depende da sombra que o circunda.’ E, ‘mais do que a clareza, o critério de verdade será o da fecundidade do diálogo com a realidade que constitui a própria existência.’ Só se pode entender a verdade que vai sendo construída como um processo.

Foi exatamente isso que me impactou neste livro. A possibilidade que vocês autores e autoras, têm, de iluminar outros aspectos da vida e obra do Padre Cícero sem agora ter a preocupação com o suposto ver. Sem a preocupação de iluminar para refazer a história, mas simplesmente ampliando o foco e desvelando aspectos importantes da sua vida e obra; ampliando nosso conhecimento e sempre mais respondendo a pergunta: E... quem é ele? Devolvendo aspectos importantes

do Padre Cícero à Igreja, à comunidade acadêmica, aos seus devotos e especialmente aos romeiros e romeiras! Um processo, longo, algumas vezes difícil, trabalhoso, multifacetado para o qual é preciso, sempre, o concurso de diversas áreas do saber!

Esse livro, fruto da parceria do Grupo de Estudos Ir. Annette: espiritualidades e religiosidades brasileiras, do Programa e Pós-Graduação em Teologia da PUC-Rio, com pesquisadores e pesquisadoras da URCA e de outras Instituições de Ensino, é mais um ampliar do foco. Tantas outras universidades podemos ver aqui. Sinal de novos tempos... Padre Cícero que nunca quis deixar sua terrinha, o Juazeiro, está caminhando pelo Brasil inteiro. Viva meu Padim!

Depois de quase 50 anos pesquisando sobre Maria de Araújo, sobre Padre Cícero e seu entorno, aprendi muito com este livro... e o que é isto senão a busca pela verdade, desocultando-a das sombras?

Apresentação

Francilaide de Queiroz Ronsi¹

José Carlos dos Santos²

Nas celebrações dos 180 anos do nascimento e 90 anos da passagem para a eternidade do padre Cícero Romão Batista, alguns pesquisadores e algumas pesquisadoras do passado recente e do momento presente debruçam os seus olhares e apontam novas interpretações para a figura do *Padrinho Cícero* e o movimento das romarias de Juazeiro do Norte. Esses artesãos e essas artesãs do pensamento tecem linhas de investigação científica sobre o padre Cícero, que continua arrastando multidões e, cada vez mais, transforma-se no sacerdote mais estimado e amado das massas nordestinas. Neste trabalho de entrelaçar linhas de compreensão deste personagem histórico, conectam-se leituras variadas sobre os devotos e as devotas que lotam as ruas e praças da cidade de Juazeiro do Norte e protagonizam uma singular e autêntica expressão de religiosidade popular no Nordeste brasileiro.

Neste entrelaçar de linhas, vamos, com a ajuda de muitos artesões e artesãs, pesquisadores e pesquisadoras, que têm em suas mãos alguns fios sobre a vida de padre Cícero Romão Batista, tecer, nos capítulos que seguem, uma aproximação da imagem desse sacerdote que melhor possa traduzir quem ele foi e continua sendo para seus devotos e devotas, e assim celebrar o seu testemunho e legado.

O primeiro capítulo, intitulado *Por ocasião dos 180 anos do nas-*

¹ Doutorado e Mestrado em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e Pós-Doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Coordenadora e Professora do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-Rio. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2118947389116019> e ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-4346-0472>. E-mail: francilaide@puc-rio.br.

² Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor Adjunto da Universidade Regional do Cariri (URCA) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1643547013261487>. E-mail: josecarlos@ifce.edu.br.

cimento do Padre Cícero: sua vida e legado, temos a contribuição de Paulo Fernando de Andrade. O autor, em comemoração dos 180 anos de nascimento de padre Cícero Romão, lembra-nos que, nascido no Crato, ordenado sacerdote em 1870, em meio ao pleno processo de Romanização do Catolicismo no Brasil, marcado pelas missões de padre Ibiapina, desenvolveu sua ação pastoral como um agente conciliador, inclusivo, modernizante, atento às necessidades religiosas, espirituais e da vida concreta de seu povo, em especial dos desfavorecidos, pobres e sofredores. E que, em 1889 quando ocorreu o chamado Milagre da Hóstia, em sua Capela, foi rejeitado pela hierarquia católica brasileira e por Roma, perdeu o uso de ordens, mas continuou a morar em Juazeiro e, mantendo-se fiel até a morte às imposições disciplinares a ele infringidas, tornando-se uma liderança religiosa e política inconteste.

Em seguida, José Carlos dos Santos aborda um dos importantes aspectos da pessoa de padre Cícero Romão com seu capítulo *Padre Cícero: mestre da compaixão e conselheiro do sertão*. O autor apresenta a compreensão do significado de Ser Mestre na ação pastoral de padre Cícero Romão, no seu modo de proceder, nas suas estratégias para o enfrentamento das realidades de fome, seca, agudização da miséria e assolamento de diversas doenças que afetavam a camada pobre do sertão nordestino. Ele nos aponta para a atenção que é preciso ter sobre a vida de padre Cícero Romão como mestre revestido de sensibilidade e compaixão e que transformou radicalmente a realidade através do acolhimento, aconselhamento e da prática dos valores humanos como a perseverança, o amor com trabalho, o respeito à natureza, associadas a pregação das virtudes da fé cristã que repercutiam diretamente na vida dos seus devotos. Para tanto, ele realiza o percurso histórico do sacerdote para melhor entender sua missão e extrair as lições do mestre e intelectual que encontrou o sentido de sua vida e de sua vocação nos valores humanísticos que resgata a integridade humana, ergue os desprezados e marginalizados da ordem social, vive a compaixão pelos desvalidos, contagia de esperança os desanimados e devolve a dignidade dos sertanejos nordestinos, tornando-se reconhecido pelos seus admiradores como conselheiro do sertão.

Nesse sentido, João Everton da Cruz Santos, em seu texto *Padre Cícero: a figura do Conselheiro no Catolicismo Popular Sertanejo do Nordeste brasileiro - final do século XIX e início do século XX*, procura evidenciar o fenômeno religioso em torno da figura do padre Cícero Romão como conselheiro. Não resta dúvida, para o autor, que padre Cícero Romão se tornou o “Padrinho Conselheiro”. Em um tempo marcado pela inquietação por parte dos setores da hierarquia eclesiástica romanizada em moldar o catolicismo sertanejo, tido como “supersticioso, “grosseiro” e atrasado”, o autor não nos deixa esquecer que padre Cícero Romão dedica sua vida e ministério para orientar, organizar e moralizar a vida do povo, não apenas no aspecto religioso, mas também o social do lugarejo. Nessa direção, percebe-se que ele não apenas se colocou como conselheiro, pregador e moralizador dos costumes, foi assim considerado pelas inúmeras pessoas que o procuravam.

Josineide Silveira de Oliveira, em seguida, apresenta-nos o capítulo com o tema *Padre Cícero e o desafio da tríplice missão: sacerdócio, profecia e poder*. Segundo a autora, o padre Cícero viveu em profundidade as exigências da tríplice missão de sacerdote, profeta e rei circunscrita nos cânones do Catecismo da Igreja. Ora moldado pela obediência à ordem eclesiástica, ora atravessado por contradições comuns ao profeta, mas sempre consciente da prática da misericórdia diante das necessidades dos mais pobres. O capítulo se desenvolve a partir de uma observação *in loco* durante os ciclos de romarias na cidade de Juazeiro do Norte/CE, das visitas ao acervo de documentação sobre a vida do *Padim*, das consultas às fontes digitais e de entrevistas com romeiros e pesquisadores sobre o padre Cícero Romão. Destacam-se os registros da vida sacerdotal que testemunham o zelo litúrgico, a defesa da moral e o apelo constante à prática da caridade; as aspirações proféticas que marcam a utopia da convivência fraterna, no desejo do acesso de todos ao trabalho digno e do sonho de desenvolvimento para a região. Para a autora, padre Cícero Romão foi um homem dotado de um poder argumentativo invejável, um “Conselheiro dos Romeiros” que fez reverberar a esperança nos corações e mentes de muitos nordestinos até os dias atuais.

O capítulo seguinte, intitulado *Padre Cícero Romão Batista: uma pessoa para além de seu tempo. Será mesmo?*, a autora Francilaide

de Queiroz Ronsi nos faz uma provocação: será que o padre Cícero foi mesmo uma pessoa à frente de seu tempo? A sua reflexão parte da análise da ação pastoral de padre Cícero Romão, em específico diante dos desafios enfrentados pelos pobres sertanejos e os danos ambientais causados pelas secas na região do Cariri. Para tanto, o percurso escolhido para essa análise se deu sob uma perspectiva teológica, a da espiritualidade, como resposta à sua experiência de fé. A autora apresenta uma síntese de sua vida, a forma como exerceu seu pastoreio diante dos desafios que se apresentaram por meio dos clamores dos pobres sertanejos e da natureza à sua volta, tratando esse conjunto de desafios como uma questão socioambiental. E, na procura por entender que tipo de espiritualidade viveu o padre Cícero Romão e se esta contribuiu para que ele respondesse aos desafios daquela época, a autora procura entender se as escolhas e orientações do sacerdote, influenciadas por sua espiritualidade e experiência de fé, o tornaram uma pessoa para além de seu tempo ou se foram as exigências de uma fé encarnada na realidade de seu contexto socioambiental-político-religioso que forjaram o seu modo de proceder.

Na sequência, Carlos Alberto Steil nos apresenta o capítulo com o tema *Romarias e Padre Cícero: configurações do catolicismo*. O autor nos lembra que as romarias estão presentes no território brasileiro desde a ocupação colonial e que estas se tornaram um evento estruturante para a experiência católica. E, por meio delas, é possível observar as mudanças históricas pelas quais passa o catolicismo no país, contribuindo para a visibilidade do movimento dialético entre tradição e modernização. O autor analisa as romarias em três configurações do catolicismo: tradicional, romanizado e da libertação, dando especial atenção às romarias que ocorrem na cidade de Juazeiro do Norte porque nelas se articulam o projeto de romanização com a religiosidade popular, ao mesmo tempo em que aponta para o horizonte da opção preferencial pelos pobres, que demarca a experiência da Igreja que anuncia a Libertação. Carlos Alberto Steil chama a atenção para a potencialidade que têm as romarias em dar acesso a uma gramática ritual que ajuda a compreender o catolicismo como movimento que se desdobra no tempo, como um contínuo, ao mesmo tempo em que assume configurações e modos diversos de expressão em contextos políticos

e sociais específicos. E, ao focar o seu olhar sobre as romarias, ajudam-nos a perceber que estes estilos e modos distintos de ser católico convivem e se tensionam como forças em disputa por sentidos, símbolos, valores e crenças que conformam a textura do catolicismo atual.

Sobre algumas dessas tensões, o capítulo intitulado *O Padre Cícero entre a religião e a política: estilo de liderança e pacto sociorreligioso do Juazeiro*, cujo autor é Marcelo Ayres Camurça, procura superar enfoques unilaterais de padre Cícero Romão e seu movimento sociorreligioso para alcançar uma abordagem multifacetada desse fenômeno. O autor, a partir da interseção entre os campos da religião e da política, busca examinar na personalidade pública do padre e no seu estilo de liderança a concretização de um pacto sociorreligioso que engendrou a comunidade do Juazeiro. Segundo Marcelo Ayres Camurça, o padre foi influenciado por duas grandes matrizes culturais: a religiosidade popular sertaneja que fez dele um “beato” e um “padrinho” para o povo do sertão, aconselhando centenas de homens e mulheres em todos os aspectos de sua vida cotidiana; e formação teológica tridentina, que o forjou como um sacerdote dentro de um universo eclesiástico, intelectual e institucional. Nesta direção, o texto procura entender seu projeto de conciliação e articulação dos polos sociais e de classe do sertão nordestino: trabalhadores rurais, pequenos artesãos com grandes proprietários de terras e comércio, como uma alternativa ao esquema imperante das oligarquias e do latifúndio.

No próximo capítulo, intitulado *Padre Cícero e a ecologia integral*, a autora Cieusa Maria Calou e Pereira ressalta a adesão de padre Cícero Romão às questões relacionadas à ecologia. A autora retoma os Preceitos Ecológicos, elaborados a partir dos conselhos de padre Cícero Romão, e verifica a sua sintonia com a Carta Encíclica *Laudato Si'* - sobre o Cuidado com a casa Comum -, do Papa Francisco. Segundo Cieusa Maria, esses conselhos de padre Cícero Romão já vislumbravam uma ecologia integral. Para tanto, eles foram analisados como ensinamentos de preservação da natureza e guia para ações de aproveitamento dos recursos naturais, uma orientação para o convívio da seca enfrentada pelo povo do Nordeste; revestindo-se de uma verdadeira educação ambiental. A autora verificou os pontos comuns entre a Carta *Laudato Si'* e os Preceitos Ecológicos, com destaque para

a atenção com os pobres, a preocupação com os aspectos ambientais e sociais, e constatou que esses ensinamentos de padre Cícero Romão, no início do século passado, possuíam as características de uma ecologia integral.

Artur Peregrino, no capítulo que tem como título *Padre Cícero e a Teologia da enxada: afirmação do Cristianismo Místico Beato*, aborda o legado de padre Cícero Romão como também o protagonismo das romeiras e romeiros, a partir da relação com a Teologia da Enxada. Segundo o autor, ambas tiveram grande êxito em fazer uma pregação capaz de ser entendida pelo povo simples. Tanto as experiências vividas pelo padre Cícero Romão e, consequentemente, as que vivem as romeiras e os romeiros estão plasmadas por aspectos nos quais é possível serem reconhecidos traços vigorosos do rosto de uma teologia com os pés no chão, de uma “Igreja na Base”. Segundo Artur Peregrino, na leitura da Teologia contemporânea, Deus age no mundo por meio do seu povo e, tratando-se do povo do campo, pode-se falar de uma teologia que trabalha com a terra, ou seja de uma Teologia da Enxada. A partir dessa compreensão, o autor nos apresenta o que ele denomina de cristianismo místico beato, desenvolvido em Juazeiro e em suas romarias que têm como base unificadora a dimensão da comunhão solidária. Nesse sentido, a comunhão humana e a solidariedade, presentes nas romarias do Juazeiro, constituem elementos estruturantes de toda espiritualidade, um ponto de encontro com a Teologia da Enxada.

O capítulo seguinte, de autoria de Carlos Alberto Tolovi, tem como título *Maria de Araújo: a santa preta violentada*. Neste texto somos contemplados e contempladas com uma pesquisa que denuncia a forma como a mulher Maria de Araújo, uma, entre tantas outras beatas que acompanhavam o padre Cícero Romão em suas atividades, foi tratada enquanto viva e até mesmo depois de morta, com o seu túmulo violentado. O autor relembra o momento do milagre, quando a Maria de Araújo, ao receber a partícula, percebe que a hóstia sangra em sua boca. Fato que se transformou em um evento extraordinário, e que fomentou o início das romarias ao Juazeiro, e deu início a um fenômeno religioso que mudaria para sempre a sua vida, a de padre Cícero Romão e a realidade daquele povoado. Carlos Alberto destaca

que o fértil terreno da religiosidade popular recebeu como semente uma manifestação extraordinária, despertando o imaginário popular de um povo que havia recebido a teologia das missões católicas tradicionais, carregadas de simbolismos. E que a mesma igreja, constituída de forma hierárquica, com poder centralizado no masculino e no clericalismo, viu como rebeldia a organização da religiosidade popular que se caracterizava por um empoderamento daqueles que deveriam assumir apenas a simples condição de “fiéis”. Nesse sentido, o autor elabora o seu texto com destaque para a Beata, buscando, por meio de pesquisa documental, revelar as diversas formas de violência sofridas pela mesma no curso da história, datando em 125 anos do acontecimento fundante: o “milagre” da hóstia.

Por fim, na perspectiva do processo de reconciliação da igreja católica com o padre Cícero Romão Batista, contemplamos a reflexão do bispo da diocese do Crato, Dom Magnus Henrique Lopes, intitulada *90 anos da morte do Padre Cícero Romão Batista: “Deus nunca deixou trabalho sem recompensa, nem lágrimas sem consolação”*. Na sua exposição, o pastor diocesano continua quebrando o silêncio oficial da igreja sobre o sacerdote Cícero e o reconhece como referencial maior da igreja dos pobres neste chão nordestino. Neste mesmo sentido, há um reconhecimento aos romeiros que continuam estabelecendo laços de intimidade com seu *Padim Cicho* e que buscam cotidianamente manter viva a memória do padrinho, patriarca, conselheiro e catequista.

Este foi o último fio de linha na construção de nosso livro. E, neste ato coletivo, no qual pesquisadores e pesquisadoras de várias partes do país ajudaram a tecer essa obra, unindo-se a tantas outras já realizadas sobre o testemunho e o legado de padre Cícero Romão Batista, convidamos você, caro leitor e cara leitora, a se unir neste tear e continuar a tecer com sua vida, devota ou não desse sacerdote, novas imagens que possam se aproximar, cada vez mais, de quem ele foi e continua sendo para uma multidão de romeiros e romeiras que cortam o país e chegam ao Juazeiro do Norte para lhe prestar homenagens, mantendo-o vivo no seu coração e no coração da igreja.

Por ocasião dos 180 anos do nascimento do Padre Cícero: sua vida e seu legado

Paulo Fernando Carneiro de Andrade¹

Introdução

Há 180 anos nascia no Crato, em 24 de março de 1844, Cícero Romão Batista. Seu pai, Joaquim Romão Batista, pequeno comerciante possuía uma loja que vendia produtos diversos, inclusive peças de vestuário e ferramentas. Ele viria a falecer em 1862 quando Cícero tinha 18 anos. Cícero era o único filho homem de seus pais e tinha duas irmãs, uma dois anos mais velha e outra cinco anos mais nova. Teve junto a seu pai e sua mãe Joaquina Ferreira Gastão, conhecida como Dona Quinô, uma infância tranquila no Crato. Aprendeu as primeiras letras na Escola do Pe. Marrocos, prosseguindo depois seus estudos na Escola do padre Rolim em Cajazeiras. Com a morte de seu pai, a família de Cícero fica em uma situação financeira delicada. Cícero que havia sido destinado por seus pais para o estudo tem, neste momento, de retornar de Cajazeiras. Os caminhos se fechavam para o jovem estudante. Foi graças ao incentivo e auxílio financeiro de seu padrinho, o poderoso coronel Alves Pequeno, dado a ele e a sua família, que Cícero pode retornar à escola do Pe. Rolim, concluir ali seus estudos fundamentais e então ingressar aos 21 anos no Seminário da Prinha em Fortaleza. Sua vocação sacerdotal havia se manifestado muito antes. Aos 12 anos, ao ler a obra de São Francisco de Sales, *Introdução à vida Devota*, Cícero decide conservar a castidade e tornar-se sacerdote.²

A Diocese do Ceará fora criada não muito tempo antes, em 1854, e seu primeiro Bispo, D. Luís Antônio dos Santos, nomeado apenas

¹ Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e professor desde 1982 do Departamento de Teologia da PUC-Rio, onde coordena a Cátedra Paulo VI de Fé e Política. É membro fundador do CEFEP da CNBB e membro da Diretoria do INSeCT (Network of Societies for Catholic Theology).

² NETO, L., Padre Cícero, p. 30- 32.